

## **Grupo de Pesquisa MECOM (ECA/USP) e o projeto Inter-Relações Comunicação e Educação no Contexto do Ensino Básico<sup>1</sup>**

Rogério Pelizzari de ANDRADE<sup>2</sup>

Sandra Pereira FALCÃO<sup>3</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é apresentar estudo desenvolvido pelo grupo de pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM-ECA/USP) sobre as práticas midiáticas da comunidade escolar, sua influência no ecossistema educacional e os efeitos da aceleração social do tempo nas relações e experiências pedagógicas. A investigação nominada Inter-Relações Comunicação e Educação no Contexto do Ensino Básico foi realizada junto a escolas de ensino fundamental e médio brasileiras. Seu atual estágio revela que os alunos mantêm relação estreita com as mídias digitais, sobretudo a partir dos dispositivos móveis, inclusive na escola e em sala de aula. Os professores também são usuários assíduos de tais tecnologias, mas as longas jornadas de trabalho e a ausência de formação específica são variáveis que colaboram para as limitadas discussões em torno da sua possível utilização no processo de ensino-aprendizagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** MECOM; aceleração social do tempo; educomunicação; *smartphone*; escola.

### **Introdução**

O grupo de pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM) foi oficializado em 13 de junho de 2018 com a obtenção de certificado junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Liderado pelo professor doutor Adilson Citelli, ele possui vínculo institucional com a Escola de Comunicações e Artes

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP). Especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela ECA/USP. Publicitário e Jornalista pela Universidade São Judas Tadeu (USJT), lecionou no Centro Universitário FIAM-FAAM e na Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC). Membro do Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM). Email: [rpelizzari@usp.br](mailto:rpelizzari@usp.br)

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP; mestre pela mesma instituição; especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação Tecnológica de São Paulo; professora do Centro Educacional Objetivo. Integra o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas.

---

da Universidade de São Paulo (ECA/USP) e é integrado por pesquisadores doutores, mestres e mestrandos, além de uma aluna de iniciação científica<sup>4</sup>.

O projeto *Inter-Relações Comunicação e Educação no Contexto do Ensino Básico* tem por objetivo central a realização de pesquisa junto a escolas do ensino fundamental e médio, a fim de verificar se e como os discursos escolares dialogam com os meios de comunicação e com as questões relacionadas à temporalidade do fazer docente/discente.

O presente artigo estrutura-se em três partes: na introdução, oferecemos breve histórico do grupo de pesquisa MECOM; no desenvolvimento, expomos: a) o andamento das atividades de pesquisa desde a fundação do núcleo e suas relações com as questões temporais vinculadas à realidade escolar e extraescolar de professores e alunos do ensino básico nacional; b) os métodos adotados para a concretização do trabalho; c) alguns resultados preliminares comentados; no fechamento, ofertamos conclusões parciais e perspectivas suscitadas pela investigação em seu atual estágio.

### **Abordagem teórica**

O problema do tempo, pondera Ilya Prigogine em seu *As Leis do Caos*, voltou a ser objeto de interesse de muitos estudiosos nas últimas décadas. Esse reaparecimento guarda estreita relação com o momento particular da história social e política do globo, a nos fazer perceber com mais intensidade o fenômeno temporal no interior do qual nos deslocamos (PRIGOGINE, 2002, p. 20). As diferentes abordagens da física teórica acerca do conceito de tempo conduzem-nos, de alguma maneira, a aspectos que extrapolam a ordem física dos acontecimentos cotidianos, como o demonstram revisões sistemáticas propostas por Hartmut Rosa (2013, 2016).

Os complexos efeitos da aceleração tecnológica sobre a realidade social transformam totalmente os regimes espaço-temporais, de modo a tornar-se perceptível como tal ocorrência influi na percepção e organização do espaço e do tempo na vida societária, gerando a sensação de encolhimento do presente (ROSA, 2013; 2016). No cenário em curso, convém exercitar o espírito de pesquisa inspirados no que propõe Virilio (2015):

---

<sup>4</sup> Em junho de 2019, o grupo MECOM contava com os seguintes pesquisadores associados: Dra. Ana Luisa Zaniboni Gomes, Dra. Elisângela Rodrigues da Costa, Dra. Eliana Nagamini, Dra. Helena Corazza, Dra. Maria do Carmo Souza de Almeida, Dra. Sandra Pereira Falcão e Dr. Rogério Pelizzari de Andrade; Ma. Edilane Carvalho Teles, Ma. Gláucia Silva Bierwagen, Ma. Suéller Costa, Me. Douglas Calixto, Me. Michel Carvalho da Silva; os mestrandos Roberta Takahashi Soledade e Wellington Nardes, e a estudante de Iniciação científica Rafaela Treib Taborda.

---

Olhar para o que não se olharia, escutar o que não se ouviria, atentar para o banal, o comum, o abaixo do comum. Negar a hierarquia ideal que vai do crucial ao anedótico, pois não existe o anedótico, e sim culturas dominantes que nos exilam de nós mesmos e dos outros, numa perda de sentido que, para nós, não é apenas uma sesta da consciência, mas um declínio da existência. (VIRILIO, 2015, p. 44).

Dentre os múltiplos desdobramentos dessa maneira de auscultar o presente, aflora o recorte comunicativo-educativo coligado aos ambientes onde se desenrolam as atividades escolares. Torna-se fundamental mergulhar nos modos segundo os quais a entidade *tempo* e seu parceiro *espaço* medeiam as relações e experiências pedagógicas de forma a construir (ou não) sentidos contributivos para a compreensão e vivência humanas.

Segundo Gallego e Silva (2012), refletir sobre as marcas espaço-temporais dos ambientes de ensino possibilita a compreensão de efeitos envolvidos na formação dos alunos e no trabalho dos professores. Para as autoras, docentes da Faculdade de Educação da USP, convém ponderar acerca de como são utilizados os tempos e espaços dos quais dispõe cada instituição e de que maneira isso implica a organização do trabalho junto aos discentes, docentes, pais de alunos e funcionários do recinto escolar. Deixam, claro, no entanto, que

[...] a estruturação das categorias temporais escolares não é explicada só e tão somente por critérios internos à escola, ou seja, não é explicada apenas pelas necessidades pedagógicas e administrativas, pois tendo em vista os condicionantes sociais, essas demandas não são efetivadas imediatamente após sua implementação legal ou após as exigências dos professores. Do mesmo modo, as exigências decorrentes das necessidades da organização escolar condicionam a vida das pessoas e seus modos de representar e viver o tempo, sendo isso mais acentuado nas famílias que têm filhos na escola. O tempo escolar é produzido no cotidiano de modo particular pelos professores, que atuam numa dinâmica de atestar seu compromisso com a norma e (re)inventar os tempos – da escola, dele e dos seus alunos –, cumprindo um duplo papel: de incorporar as prescrições e representações de tempo intrínsecas à escola moderna e de serem propulsores das mudanças a serem empreendidas. (GALLEGO e SILVA, 2012, p. 6 e 7)

No rol de mudanças a empreender quando o assunto é ensino nacional, cabe frisar quanto a centralidade dos meios de comunicação, mormente as mídias móveis, alteram progressivamente o cenário. Citelli (2018) desbrava, por exemplo, a sensação de aceleração social do tempo coligada à busca do acesso ultrarrápido a informações não raro fragmentadas, desconectadas, condutoras do que denomina “recepção aos saltos”.

A contraface deste regime de aceleração temporal pode ser localizada nos ambientes escolares, com os seus espaços fixos, delimitados

---

territorialmente por muros e salas, a promoverem andamentos lentos, por certo necessários aos propósitos do discurso pedagógico. Parece claro estarmos diante de circunstâncias históricas cujo ponto em comum, mais ou menos reconhecido, com maior ou menor âmbito de ação, está representado pela mediação, pelos intermediários técnicos da comunicação a recortarem objetiva ou subjetivamente a contemporaneidade alcançando diversas instâncias individuais e coletivas: sensorial, relações societárias, sociabilidades, plano cognitivo, sensibilidades, mundo do trabalho, vínculos familiares, disputas materiais e simbólicas, etc. (CITELLI, 2017, p.1214)

O modo como a escola hoje é atravessada pela “seta do tempo comunicacional” — esta que mais se assemelha à rede de *spins* proposta pelo físico Carlo Rovelli<sup>5</sup> —, aparenta diferir, portanto, daquele movimento verificado décadas atrás, quando o imperativo da aceleração social do tempo contagiava de maneira mais lenta, unidirecional, as atividades educativas nos recintos educadores formais. No cotidiano real das escolas, afirma CITELLI (2017, p.1206), carece de concretude a articulação das demandas sociotécnicas e práticas didático-pedagógicas, de sorte que “a vida em curso, cada vez mais conectada aos dispositivos da comunicação” encontra “pouca continuidade junto às expectativas pessoais, sobretudo dos jovens discentes”. Entre estes, presume-se despontar o desejo de encontrar convergências entre o aprendizado escolar e as solicitações “de uma realidade marcada por acentuada disfunção social, assim como permanentes mudanças nos instrumentos de produção e nos andamentos tecnoculturais” (CITELLI, p. 1206).

No panorama delineado, amudamos estudos prospectivos voltados aos vínculos comunicativo-educativos capazes de aclarar liames e/ou fraturas associados ao modo como as mídias tradicionais e as ditas locativas perpassam o locus de ensino formal. Assim, empreendemos extensa pesquisa de campo para melhor compreender o jogo dos dispositivos on-line — com seus *n* aplicativos —, bem como da televisão, do rádio, jornais e revistas, dentre outros meios pelos quais transitam as informações cotidianas, em sua relação direta com o mundo dos alunos e professores do ensino básico brasileiro. Métodos investigativos e alguns dos principais resultados delineiam-se a seguir.

---

<sup>5</sup> Estudioso italiano especialista no estudo da gravidade quântica. Residente na França, é professor afiliado à Universidade de Pittsburgh. A rede de *spins* seria algo como um conjunto de anéis (ou *loops*) que se movimentam transformando-se “umas nas outras em saltos discretos”, formando o que Rovelli chama de espuma de *spins*. “[...] a teoria descreve um ‘espaço-tempo quântico flutuante’, probabilístico e discreto. Nela há apenas o pulular furioso dos quanta que aparecem e desaparecem.” (ROVELLI, 2017, p. 100)

---

## Aspectos metodológicos, trabalho de campo

A pesquisa envolveu 509 professores da educação básica e 3708 estudantes, dos quais 57,4% eram do ensino fundamental e 39,8% do médio<sup>6</sup> (incluímos também um grupo de 47 alunos da Educação de Jovens e Adultos). A distribuição alcançou 23 das 26 unidades da federação e contou com mais representantes na região Sudeste (35,8%), seguida pelas Sul (32,8%), Nordeste (20%), Centro-Oeste (4,5%) e Norte (1,2%).

O trabalho teve início em junho de 2018 e envolveu mais de uma dezena de pesquisadores, que colaboraram diretamente na formulação e aplicação de questionários. Os modelos iniciais dos instrumentos foram elaborados coletivamente e socializados entre os pesquisadores do MECOM e, a partir de versão digital, as diferentes sugestões foram incorporadas. Ao longo de seis reuniões presenciais, tais instrumentos foram adequados às necessidades da pesquisa, com a redução do número de perguntas a uma quantidade razoável para que o tempo médio de preenchimento não ultrapassasse os 20 minutos.

Aplicamos aos docentes *surveys* presenciais e a distância por meio de formulários físico e virtual (elaborados no Google Forms) com 55 questões, sendo 19 abertas e 36 fechadas. A mesma estratégia foi adotada com os alunos, dentre os quais fizemos circular igualmente questionários em plataforma digital e em papel contendo 41 perguntas (12 abertas e 29 fechadas).

Durante as interações *in loco*, recolhemos também dados observacionais e os organizamos em arquivo coletivo, com o propósito de preservar os registros e compartilhar as experiências individuais. Destacam-se nestes relatos, ocorrências diversas, como dificuldades, particularidades de determinada unidade de ensino, depoimentos dos participantes que transcendem a investigação objetiva, entre outros.

Os critérios adotados na execução da pesquisa foram relativamente flexíveis, tendo em vista a disponibilidade dos pesquisadores. Apesar de termos optado pela utilização de um modelo não-probabilístico e, portanto, desprovido de rigor estatístico, tínhamos a intenção de alcançar o maior número de indivíduos, sem que eles se concentrassem em uma ou algumas unidades de ensino. Neste sentido, ficou estabelecido que especificamente em relação aos alunos, o número de formulários distribuídos não poderia ultrapassar 10% do total de matrículas das escolas visitadas.

---

<sup>6</sup> Tanto os professores quanto os alunos não eram obrigados a responder todas as questões. Especificamente a pergunta relacionada à fase do ensino que o estudante estava cursando foi deixada em branco por 2,8% dos participantes.

---

O procedimento adotado para a pulverização do questionário também variou. Visitas foram agendadas por telefone, distribuimos versões digitais por intermédio de relação de e-mails levantada em páginas de órgãos oficiais de educação<sup>7</sup>, houve aqueles que se dirigiram diretamente à escola e ainda quem tenha recorrido a perfis e *fanpages* do Facebook e grupos de Whatsapp.

O trabalho de campo teve início no dia 20 de setembro de 2018, com a distribuição dos primeiros formulários impressos, e se estendeu até o fim do período letivo, em 22 de dezembro do mesmo ano. Todos os questionários, inclusive os aplicados em papel, foram inseridos na base virtual por intermédio do formulário do Google Forms, com o objetivo de unificar as informações. No caso das respostas coletadas no suporte papel, os próprios pesquisadores trataram de proceder com a digitação, cuidando apenas de destacar que aqueles dados foram obtidos presencialmente. Os últimos impressos foram registrados no sistema em 1 de março de 2019.

### **Dados iniciais – Professores**

Dos 509 educadores que participaram do levantamento, 299 (58,7%) eram do estado de São Paulo e a maioria (60,1%) respondeu às questões por intermédio da versão digital do formulário. A tabulação dos dados indica que quase metade dessa amostra (46,3%) era formada por pessoas com idade entre 20 e 40 anos, e que menos de um quarto (23,2%) mencionou ter alcançado ou ultrapassado a casa dos 50.

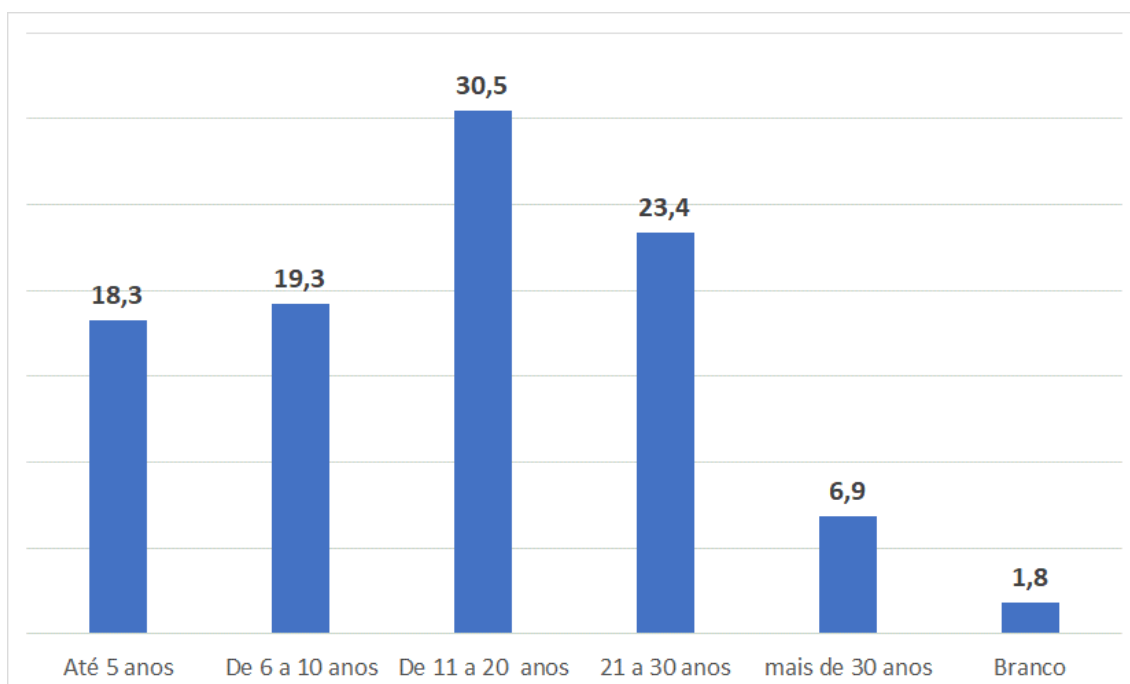
Apesar da diversificação etária da população pesquisada, observamos que a maior parte dos respondentes (60,8%) se dedica à docência por período superior a uma década. Destaca-se especialmente o grupo de professores que acumulou entre 11 e 30 anos de experiência (53,9%).

As informações sugerem que mesmo sendo relativamente jovens, os docentes contam com histórico razoável de prática pedagógica. Elas nos permitem postular ainda que uma expressiva porção dos professores inicia a carreira de magistério cedo, sobretudo na faixa dos 20 anos.

---

<sup>7</sup> No Portal da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, por exemplo, localizamos a relação de todas as escolas estaduais e encaminhamos e-mails para cada uma delas. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/central-de-atendimento/downloads.asp>>. acessado em 10 de junho de 2019.

**Gráfico 1 – Anos de exercício de magistério**

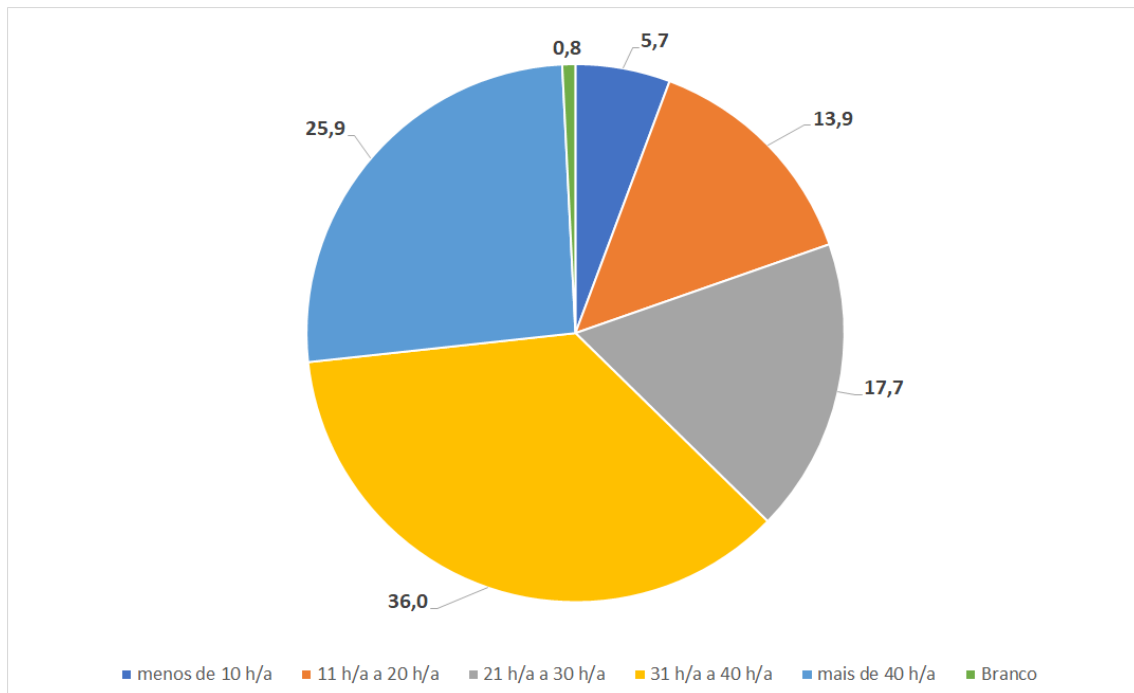


O estudo identificou que os participantes são submetidos a longos períodos de trabalho. Somente um terço daqueles que preencheram o formulário (33,2%) disseram se dedicar às suas atividades em meio período. Os demais se distribuíram em integral (49,7%) e jornada tripla (16,5%), admitindo que, não raro, permanecem no ambiente escolar do momento em que os portões são abertos, por volta das 7 horas, até o encerramento das atividades, perto das 23 horas.

Metade dos docentes que passam a maior parte dos seus dias em sala de aula (50,1%) exercem suas funções em mais de uma escola. Além disso, 15,9% declararam que são obrigados, inclusive, a fazer deslocamentos entre cidades para assumir o segundo ou terceiro turnos.

Outra variável que confirma o cotidiano sobrecarregado entre os professores é a carga horária semanal que lhes é atribuída. Quase dois terços dos respondentes afirmaram se dedicar a uma jornada superior às 30 horas.

Gráfico 2 – Qual é a sua carga horária semanal?



O acúmulo de responsabilidades e o ritmo exaustivo, que envolve o planejamento e a realização de aulas, a aplicação e correção de provas, de lições e de trabalhos, somadas às atividades burocráticas, como o preenchimento de diários, o lançamento de notas e a participação em reuniões pedagógicas acabam por comprometer a qualidade de vida e o desempenho profissional dos professores. Um dos reflexos diretos da pressão diária são os problemas de saúde, que, com frequência, levam ao afastamento das funções, às solicitações de transferência para atividades administrativas e, no limite, à aposentadoria compulsória. (FALCÃO, 2017)

Outra consequência inevitável é a restrição do tempo disponível para a preparação das aulas, sobretudo a partir de uma perspectiva mais dialógica e convergente com os interesses dos estudantes. Assoberbados com o excesso de turmas frente aos prazos e metas determinados pelo calendário letivo, os educadores têm quase nenhuma – ou nenhuma – margem e se sentem pouco confortáveis para propor atividades e conteúdos mais aderentes à realidade dos alunos. Dito de maneira mais direta, eles carecem de meios materiais e temporais para adotar práticas inspiradas em um modelo de educação que se constitui “em um ato coletivo, uma troca de experiências, em que cada envolvido discute suas ideias e concepções.” (FREIRE, 1998, p. 96)



---

Como indicam os dados coletados junto aos educandos<sup>8</sup>, os meios de comunicação e, em especial, as tecnologias digitais são presença marcante na vida dos jovens. Com a expansão e barateamento dos dispositivos móveis, os aparelhos celulares foram incorporados ao cotidiano da escola e não apenas passaram a competir com os educadores pela atenção dos alunos, como também estabeleceram novas formas de relação, de conhecimento e de pertencimento. (SERRES, 2013)

Os docentes não estão alheios a tais aparatos e às experiências que deles decorrem. A pesquisa revela que 80% dos mestres usa o *smartphone* como meio preferencial para acessar a internet<sup>9</sup>, 89,9% acessa a rede de computadores para preparar aula e 91% recorre ao computador para realizar atividades didáticas. Além disso, a grande maioria (93,3%) entende que a relação entre as mídias e a escola é complementar.

Apesar de apresentarem elevados índices de conectividade e valorizarem a incorporação destes recursos no processo de ensino-aprendizagem, uma pequena proporção (28,1%) diz ter cursado alguma disciplina voltada às tecnologias de comunicação durante o período de formação acadêmica. Somado tal dado à falta de capacitação prévia, uma expressiva proporção da amostra (68,6%) afirmou que desconhece a existência de programas oficiais de formação de professores relacionados ao tema e 57,6% disse que o termo educomunicação nunca circulou em suas conversas ou leituras.

Como síntese desta primeira aproximação, podemos ponderar que a precarização do trabalho, com os baixos salários e as cargas horárias cada vez mais elásticas, colabora para a utilização menos efetiva da comunicação no ensino formal. Incomparavelmente mais próximos e integrados às novas linguagens digitais do que há duas décadas<sup>10</sup> (CITELLI, 2004), os professores ainda não recebem apoio, não são preparados ou estimulados, nem dispõem de tempo para incorporar de forma programática no processo de ensino-aprendizagem elementos midiáticos que atravessam o ecossistema educativo.

---

<sup>8</sup> Informações mais específicas sobre o tema serão abordadas a seguir em “Dados iniciais – alunos”.

<sup>9</sup> Nesta questão, o professor podia apontar quantas opções desejasse.

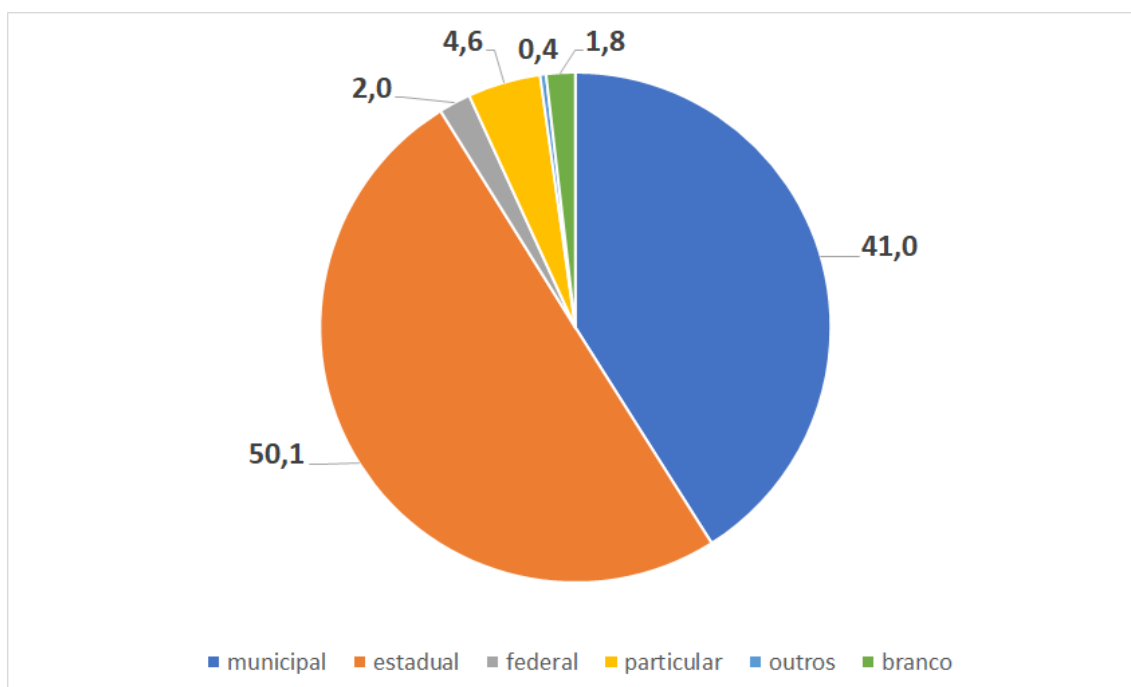
<sup>10</sup> A pesquisa aplicada em 1998 e que deu origem à obra “Comunicação e educação: a linguagem em movimento” identificou, entre outras coisas, que apenas 33,5% dos professores tinham acesso a computadores na escola para fins didáticos, 38,3% para uso pessoal e apenas 11,5% admitiu assistir TV a cabo. Entretanto, já àquela época a maioria deles (91,8%) sentia falta de apoio material ou cursos para trabalhar as linguagens dos meios de comunicação.

### Dados iniciais – Alunos

A pesquisa teve distribuição mais diversificada entre os estudantes, alcançando uma amostragem variada do ponto de vista da localização geográfica, da idade e do nível de educação cursado. A grande maioria dos participantes (89,9%) tinha idade entre 11 e 17 anos, com os picos registrados entre os adolescentes de 14 (17,8%) e 15 (17,4%) anos. Em relação às séries mais recorrentes, destacaram-se, na ordem, o 9º (18,5%) e o 8º (17,2%) do fundamental II, seguidos do 1º (15,4%) do ensino médio.

A única exceção - entre as variáveis relacionadas ao perfil do alunado - que indica expressiva concentração diz respeito à natureza do serviço de ensino ao qual eles estão vinculados. Apenas 4,6% das matrículas são relacionadas a uma escola particular, enquanto 50,1% são estaduais e outras 41% municipais, o que revela a majoritária participação de educandos originários da rede pública.

**Gráfico 3 – A sua escola é:**



Refletir sobre a estratégia utilizada no levantamento de dados da região Sul do país nos oferece pistas no que tange à familiaridade dos alunos com as novas tecnologias digitais e à maneira como eles são impactados pela aceleração social do tempo. Como

mencionamos em *aspectos metodológicos*, os procedimentos adotados na aplicação da pesquisa foram variados. Um dos pesquisadores<sup>11</sup> optou pelo contato com estudantes por intermédio de redes sociais e a aproximação inicial era feita por intermédio de mensagens encaminhadas para páginas do Facebook de grupos escolares. Ele escrevia a respeito da pesquisa e sua importância e solicitava autorização para socializar o formulário digital entre os membros do grupo.

A receptividade não só foi, em geral, positiva como, não raro, o pesquisador era inserido em grupos do WhatsApp de salas de aula ou de estudantes de determinadas instituições de ensino para divulgar o estudo e solicitar o preenchimento do questionário.

O sucesso do método pode ser observado pelo volume de dados obtido e em um prazo tão curto. Entre as 17h42min do dia 31 de outubro e 19h34min de 8 de novembro de 2018, portanto, pouco mais de oito dias, 1329 jovens (ou 35,8% do total da amostra), de 127 cidades, sobretudo dos estados do Paraná e Santa Catarina, acessaram e responderam o formulário.

O que mais chama atenção é que só nas primeiras oito horas, 737 (19,8% do total da amostra) novas participações foram registradas no banco virtual. Mais do que isso, entre 18 e 20 horas daquele primeiro dia foram reunidos mais dados de estudantes (593 questionários) do que foram captados dos professores (509) ao longo de todo o período de aplicação da pesquisa. Outro ponto que merece menção é o fato de que 56 destas participações foram computadas entre 23 e 7 horas da manhã, ou seja, durante a madrugada.

Os resultados gerais reforçam a percepção de que existe uma estreita e contínua relação entre os estudantes e as mídias digitais. O *smartphone* (86,4%) foi citado por eles como o meio mais utilizado para acessar a internet<sup>12</sup>. Aliás, ele é praticamente exclusivo, uma vez que a segunda opção com o maior número de citações, o *notebook/laptop*, não alcança sequer um terço da amostra (32,4%) e os *desktops*, que, diga-se de passagem, estão presentes nas salas de informática de boa parte das unidades de ensino, foram mencionados por menos de um quarto dos participantes (23,2%).

Podemos fazer ao menos duas observações a partir da análise desses dados. Em primeiro lugar, que os professores utilizam de forma mais usual outras plataformas para

---

<sup>11</sup> Wellington Nardes.

<sup>12</sup> Nesta questão, o aluno podia apontar quantas opções desejasse.

---

realizar suas conexões<sup>13</sup>. Em segundo, que parece haver uma tendência em ambas as amostras, no sentido de privilegiar as tecnologias móveis de comunicação.

Dentre os prováveis motivos que concorrem para a consolidação destas características evidenciam-se o barateamento dos celulares em relação a outros aparatos e sua versatilidade, uma vez que eles reúnem uma multiplicidade de recursos nos quais se incluem aplicativos, ligações telefônicas, mensagens via *SMS* e, é claro, a possibilidade de carregá-los para qualquer lugar.

As informações estratificadas da pesquisa apontam que um dos reflexos diretos do custo reduzido e da flexibilidade oferecida pelos *smartphones* é que apenas 5,4% dos educandos afirmaram não ter acesso a este recurso<sup>14</sup>. Além disso, 58,1% admitem acessá-lo ao menos de vez em quando durante as aulas<sup>15</sup>, 59% permanecem conectados por mais de cinco horas por dia e quase dois terços dos alunos (62,2%) admitiram ter deixado de fazer tarefa escolar por terem ficado muito tempo conectados à internet.

Observamos que a oferta de uma miríade de recursos visuais e sonoros, assim como a possibilidade de entrar em contato com outras pessoas e de não apenas consumir, mas também produzir conteúdos, em qualquer lugar e a qualquer hora, acaba por reduzir o espaço e o tempo da educação. A concorrência de produtos mais atraentes, em geral voltados para o entretenimento, relegam a segundo plano as atividades típicas do ensino formal. Mesmo os momentos específicos, como o período de aula, a preparação para as provas, a realização de trabalhos e do dever de casa são atravessados e, no limite, preteridos por estas formas e as experiências que decorrem da interação com tais mídias (o que não significa, entretanto, inexistirem educadores cujo uso criativo desses recursos desloca para plano mais otimista a análise).

A prevalência dos dispositivos móveis em relação a outros meios é percebida também nos números obtidos na questão que trata das plataformas apontadas como preferidas pelos jovens para assistir aos programas favoritos<sup>16</sup>. A televisão aberta, que até algumas décadas atrás era praticamente a única opção disponível, hoje é apenas a quarta (30%), um pouco a frente do serviço de tv por assinatura convencional (29,3%). O índice

---

<sup>13</sup> O dobro do percentual de docentes afirmou que utilizam *notebook/laptop* (66,8%) e proporção quase equivalente em relação ao *desktop* (41,3%).

<sup>14</sup> Entre alunos do ensino médio, o percentual é ainda menor: 2,7%. Por idade, inicia com 22% aos 10 anos, caindo para 7,1% aos 13, 3% aos 16 e zero aos 19.

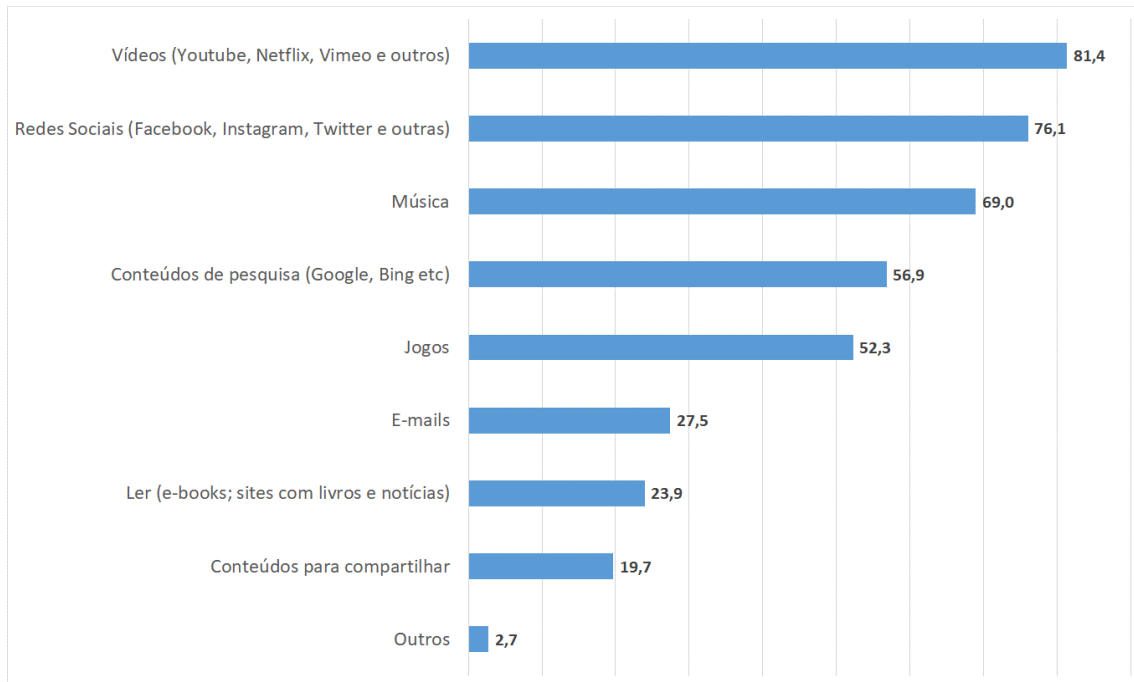
<sup>15</sup> Alcança 75,3% dos educandos com 17 anos e 72,9% de todos os matriculados no ensino médio.

<sup>16</sup> Nesta questão, o aluno podia apontar quantas opções desejasse.

representa menos da metade do desempenho obtido pelo Youtube (76,4%) e está bem abaixo de outras alternativas como Netflix (57,5%) e os aplicativos para celular (42,4%).

Convidados a indicar o que mais procuravam enquanto navegavam na internet<sup>17</sup>, os alunos escolheram principalmente vídeos (81,4%), redes sociais (76,1%), música (69%), sites de busca (56,9%) e jogos (52,3%).

**Gráfico 4 – O que você acessa na internet?**



Ao analisarmos os resultados por idade, verificamos que os mais novos têm propensão maior a se interessar por entretenimento e menor por interações nas comunidades virtuais. Entre os mais velhos, a relação é exatamente oposta. Quando comparamos os estudantes de 10 e 19 anos, verificamos que os primeiros elegeram jogos (71,6%) como a opção favorita, ao passo que as redes sociais não são tão prestigiadas (37%). Entre os últimos, a situação se inverte: Facebook, Instagram e Twitter... são mais buscados (88,5%) e os *games* (40,3%) figuram na sexta posição, atrás, inclusive, do *e-mail* (43,6%).

Diante das informações e comentários que conduziram as discussões em torno dos hábitos dos estudantes, podemos afirmar que eles estão permanentemente conectados, de

<sup>17</sup> Nesta questão, o aluno podia apontar quantas opções desejasse.

---

maneira que esta relação estreita com as novas mídias acaba por atravessar, comprometer, se sobrepor e influenciar o tempo da educação.

Julgamos oportuno lembrar, por fim, que as novas experiências relacionadas aos meios de comunicação são influenciadas por elementos como os algoritmos, que tendem a restringir o contato com determinados produtos culturais aos seus públicos específicos<sup>18</sup>. Em outras palavras, eles se baseiam em probabilidades estatísticas, obtidas a partir do histórico de acessos e à comparação de perfis de audiências compatíveis, que sugerem um potencial de gosto/interesse/preferência. (GILESPIE, 2018)

O cenário acima descrito pode colaborar para que sejam forjadas relações menos interativas, afetivas e abrangentes entre educadores e educandos. O distanciamento estabelecido pela falta de conhecimento a respeito dos valores, das formas de pertencimento, dos elementos de constituição de sentido do outro podem favorecer a ausência de diversificação e o esgarçamento nos fios das tramas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. E como nos lembra Serres, “antes de ensinar o que quer que seja a alguém, é preciso, no mínimo, conhecer esse alguém.” (2013, p.12) — isso vale para o exercício da docência de maneira geral e, igualmente, norteia nossos caminhos específicos de pesquisa. Os próximos passos do MECOM dirigem-se ao exame minucioso dessas inter-relações.

### **Considerações finais**

Conforme explicitamos, trata-se de análise em andamento — razão pela qual algumas das percepções aqui contidas podem alcançar ligeiras variações em tempo vindouro, sem que, no entanto e face ao que pudemos apurar até agora, prescindamos de aprofundar discussões coletivas sobre os achados em curso.

### **Referências**

CITELLI, Adilson. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. 3ª Ed. Senac: São Paulo, 2004.

---

<sup>18</sup> Um dos pesquisadores do MECOM, Douglas Calixto, desenvolve pesquisa que aborda o tema dos algoritmos a partir da perspectiva educacional. No 41º Congresso Brasileiro de Comunicação, ele apresentou o trabalho “Algoritmos entre a experiência e o acontecimento: o novo *sensorium* nas práticas da Educomunicação.” (CALIXTO, 2018).

---

\_\_\_\_\_. **Processos de comunicação e expansões temporais na educação básica.** XV Congresso IBERCOM, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 16 a 18 de novembro de 2017. ASSIBERCOM Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação. Disponível em: <http://assibercom.org/ebook-ibercom-2017.pdf> Acesso em: 18 jun 2019.

CALIXTO, Douglas. **Algoritmos entre a experiência e o acontecimento: o novo *sensorium* nas práticas da Educomunicação** 41º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação - INTERCOM, Univille, Joinville, 2 a 8 de setembro de 2018. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0233-1.pdf> Aceso em: 25 jun 2019.

FALCÃO, Sandra P. Aceleração temporal e estresse docente. In: CITELLI, Adilson (Org.). **Comunicação e educação: os desafios da aceleração social do tempo.** São Paulo: Paulinas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 9ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GALLEGO, Rita de Cássia; SILVA, Vivian Batista. **A Gestão do Tempo e do Espaço da Escola. Tópicos de aula.** Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3252346/mod\\_resource/content/1/texto%20tempo%20e%20espa%C3%A7o%20Rita%20Gallego%20e%20Vivian%20da%20Silva.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3252346/mod_resource/content/1/texto%20tempo%20e%20espa%C3%A7o%20Rita%20Gallego%20e%20Vivian%20da%20Silva.pdf). Acesso em: 30 abr. 2019.

GILLESPIE, Cornell. A relevância dos algoritmos. **Parágrafo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 95-121, jan/abr. 2018.

PRIGOGINE, Ilya. **As Leis do Caos.** São Paulo: Editora UNESP, 2002.

ROSA, Hartmut. **Alienación y aceleración** – hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. Buenos Aires, Katz Editores: 2016.

\_\_\_\_\_. **Social Acceleration.** A New Theory of Modernity. New York: Columbia Press University, 2013.

ROVELLI, Carlo. **A Ordem do Tempo.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

SERRES, Michel. **Polegarzinha.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VIRILIO, Paul. **Estética da Desaparição.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.